

MIGRAR E MORAR

"Moro onde não mora ninguém
 ...É lá onde moro
 que eu me sinto bem."

(Agepê-Canário)

Num país como o Brasil, fortemente marcado pela migração interna, as partidas que distanciam pessoas cuja vida ou parte dela foi forjada num mesmo chão, é fato do dia-a-dia. Mas nas idas e vindas intermináveis que o migrante faz, não deixa também de ser frequente o reencontro.

Imaginar situação semelhante, em que dois velhos conterrâneos se reconhecem após as mudanças que o tempo lhes imprimiu nos corpos, não é difícil: à saudação inicial, entremeada por expressões de exclamação, a curiosidade, como que de assalto, se abate sobre ambos. E em meio às muitas perguntas que rolam no afã de reaproximar o que do outro ficou distante - onde você mora? - é indagação inevitável!

A partir da interrogação acima, podemos recriar intermináveis cenas. Se tomarmos, por exemplo, um camponês satisfeito com a fatura que o sítio lhe proporciona, enveredamos por demorada escuta. Afinal, cada detalhe da sua morada, como que extensão de si, merece prosa prolongada. Se, porém, o cenário montado for o de um cortiço como os da região central da cidade de São Paulo, não seria surpresa depararmos com uma resposta do tipo: moro no centro! Nenhuma palavra mais. Mas não é nossa intenção aqui demonstrar como e quando o migrante passa da fala romanceada para o silêncio ou até mesmo para o ocultamento de sua morada. O que queremos é antes perguntar a quantas anda este tema inspirador de tantos cancioneiros e poetas.

Enfocando algumas situações específicas, Travessia fez esta pergunta: onde e como mora o migrante?

- Há os que moram em acampamentos de grandes obras. Hierarquizados, controlados, engaiolados, são força de trabalho imobilizada pelo capital;
- há os que moram na rua - alguns são da rua, outros estão na rua - todos fazendo dela estratégia para sobrevivência, privatizando o público e publicizando o privado;
- há os que moram nos lixões - sórdido campo de trabalho donde extraem o sustento e repassam matéria-prima para a indústria de transformação;
- há os que moram lá e cá - dentre eles, os que deixam temporariamente o Estado de Minas Gerais e se dirigem para o interior paulista. Lá, pisam um espaço largo; cá, parte deles, os que se alojam nos barracões, confinam-se na cana; outros entulham-se nas pensões que de ano em ano só apresentam mais deterioração;
- há os que moram em favelas, melhor dizendo, nesta ou naquela favela, forjando um pedaço que teimam em não perder. Mas não são as tábuas do barraco que os prendem, e sim os liames de uma convivência duramente tecidos;
- e em meio a estes e outros tantos moradores, há os que coletivamente lutam por melhores condições de moradia - a trajetória da organização dos Sem-Teto.

No sonho de todo migrante,
 o desejo incontido de poder
 com o poeta cantar " ... É lá onde
 moro que eu me sinto bem!"

Dirceu Cutti